

Quem tem medo do Sarah Kubitschek

Aloysio Campos da Paz

De um pequeno centro de reabilitação nos anos 60 até uma das duas únicas unidades de ponta que restaram da assistência médica no Brasil, dos anos 60 aos anos 90, duas gerações no tempo se superpuseram lutando por um ideal de construir um serviço para o povo. Para o povo. Dezenas milhões de incapacitados espalhados por todo o Brasil. Trinta anos trilhando um caminho árduo onde o compromisso sempre foi com aqueles que precisam não com as corporações.

Em 1979, quando o tempo integral foi implantado, a corporação lançou a acusação de comunistas... Em 1985, quando a dedicação exclusiva foi mantida, a acusação era de fascistas...

Na verdade, o que o Sarah provou,

ao longo desses anos, é que não pode haver nenhum compromisso entre o bom serviço público e o corporativismo. Implantou a assistência gratuita, universal e de alto nível para toda a população. Oito anos antes da Constituição. Remunerou condignamente seus funcionários até que o Regime Jurídico Único estraçalhasse seus planos de pessoal, nivelando por baixo. Formou centenas de profissionais de nível superior, espalhados por todo o Brasil, até que o PC do B entrasse com uma ação judicial, bloqueando seus programas de pós-graduação.

Por quê? Porque competência e justa remuneração do trabalho não interessam àqueles que não vêem as profundas transformações que ocorrem no mundo e ainda insistem em viver na face oculta da lua... Aloysio — concordo com você, mas não posso votar contra a corporação... Porque, na verdade, todos eles foram eleitos pelas corporações, e apesar da retórica progressista, ainda estão na Constituição de 1937.

Mentem descaradamente, dizendo que aquele que sempre defendeu o

serviço público está propondo a privatização. Distribuem panfletos na porta do Sarah, intranquilizando doentes e dizendo que seu atendimento médico, a partir da aprovação da lei, será cobrado. Agentes duplos, da anarquia que justifica as grandes companhias de seguros de saúde.

A lei que hoje deve ser votada na Câmara define o futuro do Sarah e consequentemente de um modelo de assistência médica para o País. Contra ela aliam-se aqueles que vivem da expropriação da saúde e transformam o homem em produto de lucro e aqueles que se elegem na anarquia, confundindo deliberadamente autoridade com autoritarismo e competência com diretório acadêmico. Vamos eleger todo mundo e o doente que se lixe, porque depois das eleições, "eu te dei o meu voto, e no plantão de domingo, eu não fico".

Aloysio Campos da Paz é presidente da Fundação das Pioneiras Sociais e diretor da comissão que dirige o Sarah